

1922



Ilustração
portuguesa

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, 11800

O melhor
Cha exportado da
Inglaterra é o
Cha Endvar.

Solicitamos Agentes
Compradores para os
mercados onde não
tenhamos representantes

CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.

38A KING WILLIAM STREET, LONDON E.C. 4



ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e crianças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

aureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra. — Diplomada com frequência em massagem MEDICA ESTETICA, pedicure, manucure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'ORTOPEDIA E MASSAGEM. — Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Antiga professora diplomada inscrita e premiada em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A

Telefone

Endereo telegrafico

Estabelecimento unico no genero em Portugal e o mais importante da Peninsula

3641-C.

BELEZAK

Esthetica Feminina

Tratamentos de Beleza pela Electricidade applicada sob todas as suas formas

Massagem medica, esthetica e higienica, manual e combinada de electricidade, massagem vibratoria e pneumatica

Produtos Rainha da Hungria

Pó de Talco Rainha da Hungria. — Contra a vermelhidão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto devido ás perturbações da circulação, pruridos, eczemas, impetigo, erythemas das creanças gordas, etc.

Sabonete Rainha da Hungria. — O mais delicioso e perfumado.

Creme Rainha da Hungria. — Deliciosamente perfumado.

Pó Rainha da Hungria. — Extracto para assetinar e aveludar a pele.

Agua Rainha da Hungria. — Limpa e fecha os poros e evita os pontos negros.

Pó de Arroz Rainha da Hungria. — Magnifico para a pele.

O catalogo illustrado desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

A' venda em todos os bons estabelecimentos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
Avenida da Liberdade, 23-A

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor, corôa.

d'ouro, dentes sem placa

R. Eugenio dos Santos, 35, 1.º

Crown Ribbon and Carbon Mtg. Co. a

Machinas de escrever,
accessorios e oficinas de reparações
Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C. a L. da**

R. Nova do Amparo, 6. 2.º

Telefone 2536

LISBOA

“VITRILOIDE”

SUBSTITUE COM VANTAGEM A VIDRAÇA

Chegou nova remessa

13, Pr. Restauradores — Lisboa

ILUSTRACÃO PORTUGUESA



A GRANDE ACTRIZ VIRGINIA
LISBOA, 15 DE ABRIL DE 1922

(cliché SALGADO)
50 CENTAVOS



C R O N I C A

DA

S E M A N A

NÃO sei se é a Pascoa, se é a Primavera. E' qualquer coisa de felicidade, que eu não sei, se é mística, se é pagã, se é sangue de sacrificio e redenção ou se é seiva de amor e fecundidade.

Sei que anda uma felicidade no ar, que ha um afago na atmosfera, uma chuva de caricias, como se do céu caissem penugens, ainda quentes, de aves ou de anjos.

E' a Pascoa? E' a Primavera? A minha alma diz-me que é o sonho de Cristo, turbulado pelo mundo fora, como um incenso. A minha pele diz-me que é a Primavera—mocinha de quinze anos, a roçar-se por mim, sem me olhar...

Primavera ou Pascoa, Cristo ou Pan,—é um perfume. E' uma flor. A flor do misticismo. E' a flor de todas as flores.

Meu corpo e minha alma vivem ambos a sua Pascoa. Cada um o seu sonho.

Meu corpo sonha com corpos e na hiper-sensibilidade destas tardes de Pascoa vegetal, ouço as folhas novas saltarem dos galhos com ruídos verdes de beijos.

Mas é só sonho. A Primavera é sonho só — moça de 15 anos impoluta e desejosa. O sol é macio... E não excita, afaga. Não provoca, enleia.

Ha um «flirt» na natureza. Nem o corpo pede mais do que caricias — que são o «flirt» da carne.

Pan, à sulreia, toma conta da vida e do mundo. Pan, aproveita o momento de ver Cristo, prêsó e vencido, para rehavér o mundo que ele lhe tirou, tão simplesmente só por sua divina presença, como lhe tirou Madalena.

Foi Pan, na pessoa do centurião

de Maeterlinck quem tentou Madalena, pela última vez: — que se entregasse, e Cristo seria salvo.

Cristo morreu—e Madalena salvou-se. Mas Madalena hesita — e este dia, é este sol, é esta voluptua arrependida que anda pelos céus, pela terra e pelos corpos.

V. Ex.^a, entregou-me, no domingo, um raminho de flores. Sei para que são as flores. A mulher nunca dá senão para receber. Deu-m'as para darem frutos, que são amendoas. Mas para que quer você as minhas amendoas? Pelas amendoas, apenas? Não. Você tem o sabor da amendoa sempre na boca. Você quer as amendoas—para coleccionar. No domingo de Pascoa você recebe em casa uma chuva delas, como «confetti». E' o seu carnaval, a Pascoa. Você quer brincar com elas como brinca com os olhos, á tarde, no Chiado. Você distribue os seus ramos precisamente como distribue os seus olhares. Para você as amendoas são um processo de estatística. E' uma parada. E' um mapa. E' o amor por si, em pedras de cores, os «dados» que todos nós jogamos sobre a sua tunica,—que é a sua sombra.

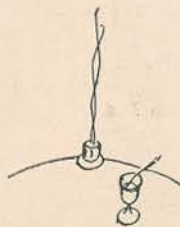
Minha amiga; não me presto ao seu trabalho de estatística. Marque o meu lugar—o lugar das minhas amendoas—com uma pedra negra. A não ser—oh! a não ser!—que o queira marcar com a pedra negro dos seus olhos em amendoa...

Cristo — disse um filosofo — é o Deus da mulher, dos escravos e dos nevroticos.

Isto é; é o Deus dos que precisam d'ele...

CAFÉ com LEITE

O' meu café, meu «music-hall» de fumo...
Meu vistoso teatro de fantoches...
Corpos exaustos como velhos coches,
Mas que trazem a alma a fio de prumo...



MESAS onde a minha alma se baloiça...
Trottoirs dos meus dedos vagabundos...
Canais compridos, largos e profundos,
Onde os pires são gondolas de loiça...



SORRISOS de Satan pelas bandejas...
As *gabardines* verdes são lagartas!
Certas brancuras lembram as igrejas:
Guardanapos, jornais, papel de cartas...



DOS creados de mesa é que se fazem,
Sem duvida, os melhores malabaristas;
E' na ponta da unha que eles trazem
Facas e copos, galheteiros, listas...





UMA orquestra de vozes irreais
Entre rolos de fumo se levanta:
A rapsodia em lá: cordas vocais...
Tziganos vermelhos na garganta!...



ENTRAM mulheres: trazem, em seus vestidos,
As estatuas, electricos, o Sol...
Hirto como o soldado no Verol,
Sou o Napoleão dos meus sentidos...

NUEVO MUNDO, *La Esfera*, *Illustration*,
Uma revista semanal inglesa...
A *Vogue*, a *Femina* e o *Fon-Fon*
São amostras do mundo pela mesa...



HOTEL de pernoitar para os artistas...
Vejo em trajas menores o pensamento...
Poetas, pinta-mônos, jornalistas,
Com nodos de café pelo talento...



E finalmente, este poema franco,
Este poema sem nenhum enfeite,
Em tinta negra sobre o papel branco,
E' uma taça de café com leite...



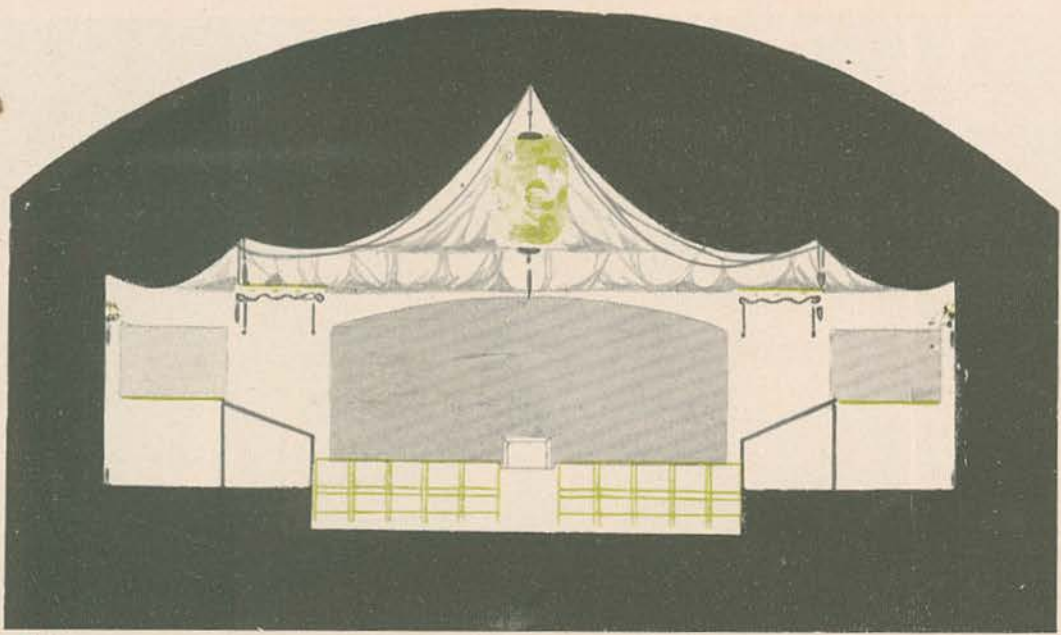
Desenhos de
Bernardo Marques

ANTONIO
FERRO



EDUARDO Viana é o pintor festivo da cor, o pintor que põe, em cada um dos seus quadros, o luminoso carnaval duma quermesse em fogo... Na sua exposição do ano passado, Eduardo Viana triunfou—porque ele trazia, na sua Arte, o segredo das tintas fortes, violentas, a estralejar, como incendios de vida...

Este seu quadro que hoje reproduzimos, não é bem uma natureza morta—embora isso esteja estabelecido pelas formulas. As naturezas d'Eduardo Viana nunca são mortas—elas cantam, riem, numa luxuria de tons, como se tivessem acabado de nascer...



O SALÃO DA “ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA”

HA um teatro, na vida moderna, que não é para a multidão, para o borborinho, para a rua — que é um teatro de ideias e de símbolos, de gestos e de bailados, um teatro de azas e de sêdas. Nesse teatro, o palco é o pretexto. No teatro vulgar, o palco é o tirano. O teatro de Arte — é um teatro que paira sôbre o palco, que paira sôbre a humanidade, um teatro que só se entende com os olhos postos na Belesa, com as almas perdidas no Sonho. E' esse teatro de «élites», esse teatro superior, para raros, que a «Ilustração Portuguesa» quer lançar em Portugal, brevemente, no seu salão, que se transformará numa pequena «boîte», no genero das de Paris. Essas «boîtes», por onde tem passado os melhores artistas da França — aparecerão entre nós, com o concurso tambem dos melhores artistas de Portugal. Nelas se representarão algumas peças curtas, peças duma indole elevada, onde as ideias

pulsam e as atitudes se estendem, reveladoras e esbeltas. Serão peças escolhidas e renovadoras, como aquelas que Curel, Maeterlinck, Ibsen fizeram — peregrinos do Infinito através as ribaltas transformadas em pulpitos. . .

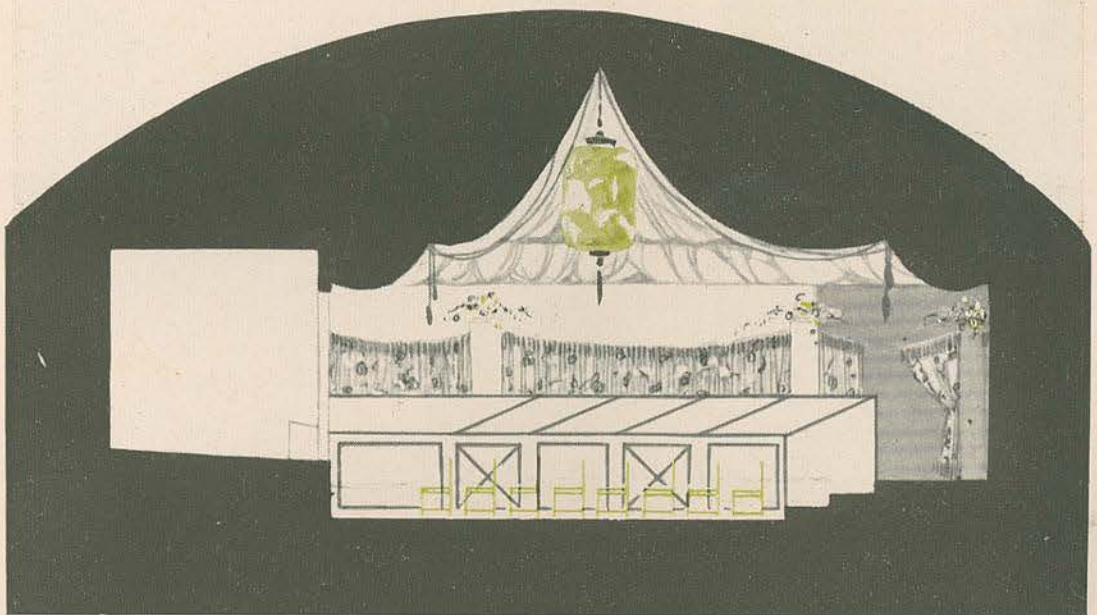
Mas o salão da «Ilustração Portuguesa» — que será uma tribuna do pensamento moderno em Lisboa — alargará ainda as suas aspirações e os seus projectos. Nele se realizarão, ameudadamente, algumas sessões de Arte, algumas conferencias, algumas demonstrações de bailados, tudo o que possa, em resumo, encorajar e ampliar o esforço das «élites» no nosso meio, dando-lhe um ambiente solidario e harmonico, onde se possam expandir as suas obras e se possa fazer escutar, vitoriosamente, a sua grande voz anciosa e vibratil. Esta iniciativa — a primeira do género tentada entre nós — vai ter com certesa a acolhe-la o aplauso unânime da nossa atmosfera intelectual.

De facto, em Portugal não se sabe dar o apoio necessário e justo aos esforços creadores dos Artistas. Quantas belas emoções, quantas admiráveis obras, quantos esplendidos frêmitos — se ocultam, se perdem, se aniquilam, por lhes faltar esse momento unico e máximo em que possam trazer, a um conjunto atento de pessoas devotas, as suas inéditas palpitações de Belesa! Os Artistas, atualmente, são, em Lisboa, os exilados, os isolados. A multidão olha-os com hostilidade, com desconfiança, com ironia por vezes — a ironia, essa arma dos que não compreendem, essa arma que é uma mutilação, uma cicatriz a querer sorrir, uma ferida de despeito a pôr a «toilette» falsa do desdem...

Damos hoje a reprodução de dois aspectos do Salão da «Ilustração Portuguesa» uma vez transformado em teatro. Como já dissemos, trata-se dum projeto

no género das «boîtes» parisienses, pequenos conjuntos onde todas as manifestações de arte encontram um abrigo, um conforto, uma cumplicidade carinhosa... Aos lados, construir-se-hão algumas frisas. O palco, dum reduzido tamanho, será entretanto bastante largo para nele se poderem exhibir as pequenas peças num ato, para se poderem dizer conferencias, para se poderem traçar os arabescos dos bailados. E assim o publico de Lisboa que se interessar por revelações esteticas e por instantes de enlevo e de requinte — terá no salão da «Ilustração Portuguesa» esse difficil ambiente de belesa moça, de seleção espiritual, onde vá abrir os olhos da sensibilidade ás claras afirmações das fórmulas novas, dos simbolos novos, da nova Arte, da nova Belesa.

Os artistas vão ter o seu santuario, o seu templo, a sua pequena patria acolhedora. Esse é o programa e essa será sempre a aspiração da «Ilustração Portuguesa» na série de tardes de Arte que o seu teatro fôr dando ao publico.





A RUA DE S. MIGUEL, EM ALFAMA

Quadro do ilustre aguarelista Leitão de Barros



O M A L E F I C I O

A noite tinha-se passado banalmente, entre a quermesse das conversas, dos sorrisos e das algazarras. Depois de ter sido tomado o chá, o chá calorosamente fulvo, como um rastro de ouro entre volutas — e depois de se ter acabado a sonolência mansa do *bluff* — principiaram a sarabandar os automoveis, na faina do regresso. Os duques de Liz, vistosos, ardescados em estetica, todos faulhantes de joias, ondulantes, heraldicos — desceram a escadaria de mármore. Florença de Liz tomou o braço do marido, fixou, no enlevo do seu olhar de neblina, a vasta bazilica da noite, toda povolejada de estrelas, — e sugeriu: — E' tão perto... Se fôssemos a pé? A noite convida, impõe...

Eternamente submisso, na sua passividade de *gentleman*, o duque nem contestou. E os dois, desprezado o automovel, começaram caminhando, no seu andar quebradiço de aristocratas, entre a formidável serenidade meditativa da paisagem.

Era, a paisagem noturna, de uma beleza envolvente, quasi tragica. No alto, o luar platinava o espaço, e transparentisava certas nuvens, que se tingiam de uma cor dorida de heliotropos. Arvoredos sucediam-se, no desfile das suas arquiteturas bracejantes — como procições penitenciais, numa via estranha de tragedia. E, á volta de tudo, como um casulo funebre, supremo — a sombra fechava a sua redôma de sortilegio misterioso, a sua redôma de silencio, a sua redôma de luto.

Florença, para sacudir uma impressão inconsciente, soltou um assunto nas asas das palavras:

— Ouviste o que o Renato Santalvo contou das suas aventuras na India?

O duque de Liz teve um estremecimento, quasi um calafrio:

— Para que lembraste agora isso?

— Faz-te mal? — inquietou-se ela...

— Faz. Se t'o negasse, inventaria. Faz-me mal.

Eu sou um suggestionavel, um supersticioso. Toda a noite o Renato Santalvo fez perpassar, na sua voz de mau-agouro, vultos inverosimeis, perigos inquietantes, torturas intensas, massacres, enigmas, feitiços. Agora, em tudo sinto, em tudo receio — espetros, nevoeiros, ciladas. Estou num estado nervoso que me coloca — em frente da noite, da sombra — ebrio, desarmado, cobarde...

Florença, como iam de braço dado, reparava que, emquanto a confissão se alastrava em palavras atropeladas, tremulas — pelas veias ia galgando, subindo, cascatando, o ciclone aspero do sangue em delirio,

tonto, violento... Começou a colher, em si tambem, a floração exaustiva dos terrores que se não definem e que se não vencem. A pouca distancia já da sua quinta das Anémonas, junto daquele homem enervado, anquilosado pela nevrose — tudo parecia fugir-lhe, ameaçá-la, agredi-la. Estava toda lavrada do panico que desarma, e nos entrega antecipadamente ao desconhecido, numa renuncia de energias...

Subito, atraz de uma larga nuvem musselinada, o luar escondeu a sua magnificencia branca. De além, dêsse biombo cor de perola, filtrou-se um clarão de *pierrot*, um clarão anemico, fantastico, equívoco... Pelas ramarias, escorreu, alvorçou-se, o córte instantaneo de uma rajada. Pela estrada clara, aberta á luz macilenta como um sulco pallido, houve um *sabbat*, uma revoada, um volteio de folhas dispersas, de poeiras indistintas, que jogavam zumbidos e reflexos, como uma ronda louca. O momento era realmente de perfidia. A perfidia do luar vinha acentuar a perfidia dos ruidos híbridos do bosque, onde pareciam serpentear, contorcer-se, vultos incriveis de duendes, vultos imprecisos, informes, inexistentes, malevolos...

Entre os dois, crispou-se, engolfou-se, a maré traiçoeira do medo. Sem uma palavra que podesse soar como uma heresia entre a quietação esfingica e perversa da noite, iam sempre, andavam sempre, juntos, colados um ao outro, braços unidos, cingidos, como se protegessem os seus desequilibrios amedrontados...

Num declive do caminho, Florença arriscou:

— Ainda estamos longe?

O duque respondeu, numa voz branca, uma voz que fugia de si propria, receosa, falsa:

— Não... deve ser além, ao fundo...

E mais nada. Não puderam dizer mais nada. Por uma imprevista mutação, a noite bravejava, agitava-se. As copas das florestas tinham aspectos farfalhantes de cabeleiras rebeldes, e, encoberto numa nebrina escura, poalhada de cinza, o luar era um bruxoleio indistinto.

Minutos correram. Aproximavam-se do portão vasto, bronzado, rodeado de estatuas. Mas, quando iam entrando, transidos, pletoricos de nervos, o luar reassomou, lucido, tranquilo, iluminante. Florença olhou um busto de fauno, emoldurado, perdido, entre uma gruta verde. E o maleficio era tão forte, a acumulação de panico era tão grande — que ela caiu, hirta, macissa, como um bloco, sob o olhar do marido, um olhar vidrado, imobilizado, inexpressivo...

João AMEAL

(Ilustração de Bernardo Marques).



Um milagre de Santa Izabel

Inédito
do
Sr. Conde
de
SABUGOSA

Mas este, em caminho, quando
Ouvira tanger matinas,
Entrou na ermida rezando,
E ali se foi demorando
Até horas vespertinas.

Ora o algoz truculento,
Ao ver surgir o traidor,
Crê cumprir o mandamento,
E lança-o no fogo lento.
Como ordenára o Senhor!

O pagem, bom recoveiro,
Findando a reza na Ermida,
Vai indagar do forneiro...
E ao Rei vem dizer ligeiro:
Que estava a ordem cumprida.

CUIDOSA estava a Rainha
Remexendo o seu bragal,
Em busca de uma roupinha,
Para ir curar asinha
Um gafu no Hospital.

Pezaroso Dom Dinis,
Que fôra injusto e cruel
Ao pagem surprezo diz:
«Tiveste sorte feliz
Salvou-te Santa Izabel!»

O pagem que lhe assistia
De joelhos com fervor
A Ela os olhos volvia;
E nem o pobre sabia
Que se morria de amor!

Mas um retôrto paceiro
Que os espiava, invejoso
Correndo logo ao Terreiro
Foi badalar, linguaeiro,
Calunias ao Rei iroso.

Bem sabia este ser ronha
Contra a Rainha inocente,
Mas o ciume é peçonha
Que, se nas veias se enfronha,
Perturba o juizo á gente.

E ardendo em negro ciume
Ordena a um trêdo forneiro
Que este caso logo arrume
Lançando depressa ao lume
Quem lhe chegue lá primeiro.

Ao pagem sem mais espera
Manda prestes indagar
Se as ordens cruas que déra
O forneiro em sanha fera
As soubera executar.

Entretanto o vil pação,
Impaciente e brutal,
Corre ao forno na intenção
De gozar sua traição
Vendo queimar o rival.



Ilustrações de Leitão de Barros



Amo o rôxo. E vai que fazes?
A luz tamisas de malva
E rôxa desponta a alva
Sobre a colxa de lilazes

Rôxos alastram os razes.
E tu das-te núa e alva,
Lirio rôxo numa salva
Sobre a colxa de lilazes.

Com suas pestanas pretas
As tuas palpebras rôxas
São duas grandes violetas.

E, por mais gosto da vista,
Depois que a lampada afrouxa,
Fez-se a alcova de ametista.



COIMBRA MORTA

SONHO que Coimbra morreu
(ultimo golpe profundo!)
e que a sua alma desceu
do seu brando rio ao fundo.

Tal Santa Iria no Tejo,
já Coimbra dorme em sossêgo,
sorrindo, no eterno bello,
no sepulcro do Mondego.

O rio abriu-lhe o seu peito
e acariciando-lhe a dor,
deu-lhe nos labios, com getto,
um grande bello de amor.

Floriu com piedade rara
p'la Morta que all descera,
o monte de Santa Clara
de rosas da Primavera.

A' alma ideal da cidade
rodela-na, em doce pranto,
Dona Inês com a saudade,
Santa Isabel com encanto.

E a estas formas divinas,
vagas se vem ajuntando
freirinhas doces — neblinas,
por alma dela rezando.

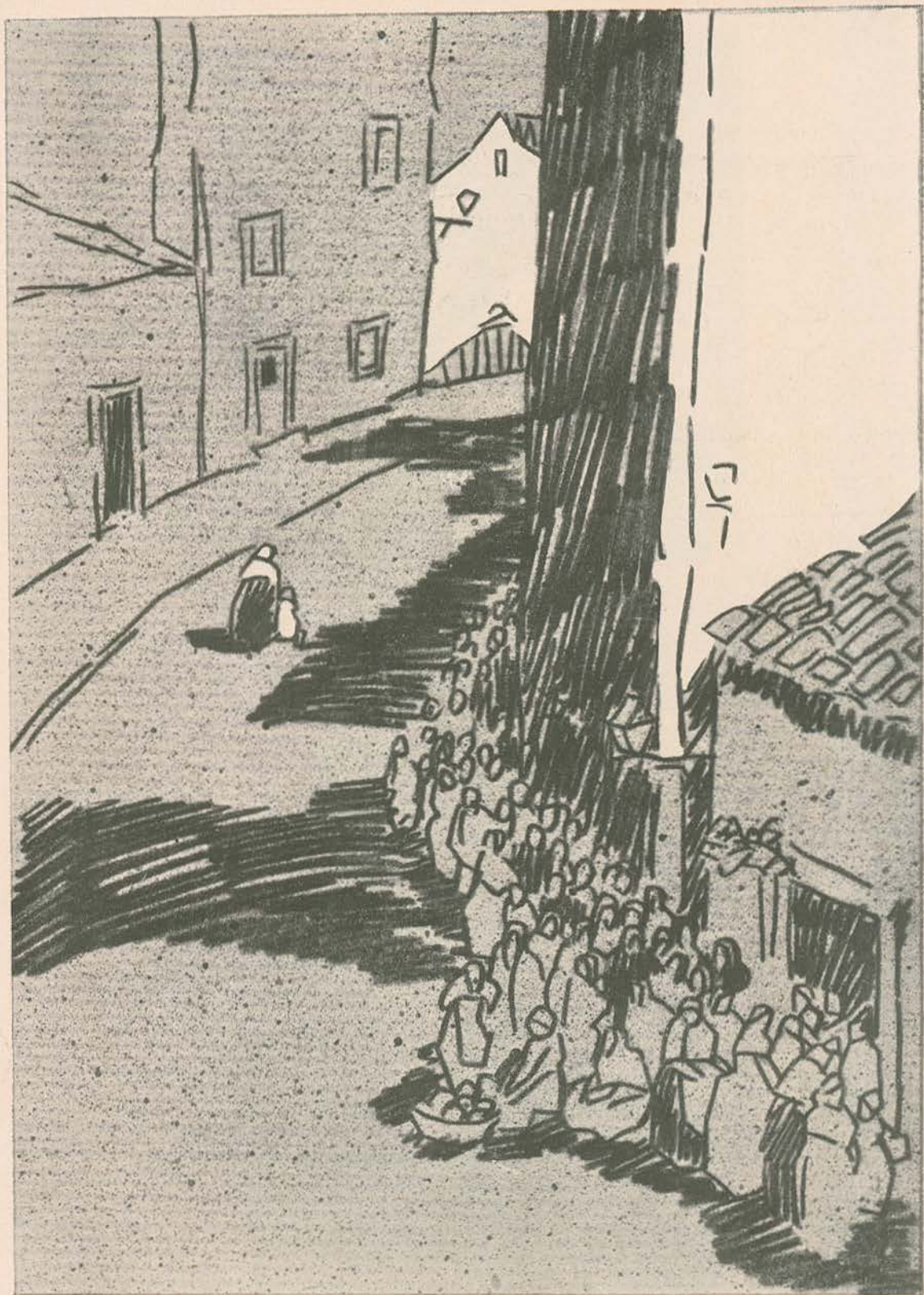
E vêm, p'las brumas violetas,
trazer-lhe as suas canções,
os fantasmas dos poetas
guiados pelo Camões.

A' volta da Morta brilha
no fundo, entre choupos finos
o burgo de maravilha
— Conventos e Claustros, Sinos...

Tudo que havia de lhado
e os homens foram matando,
no fundo, ressuscitando,
renasceu, ficou dormindo.

E Coimbra, morta de magoa,
dorme no rio, entre flores.
— Oh lagrimas, sois a agua!
Nome que passaste — Amores...

Arosso LOPES VIEIRA



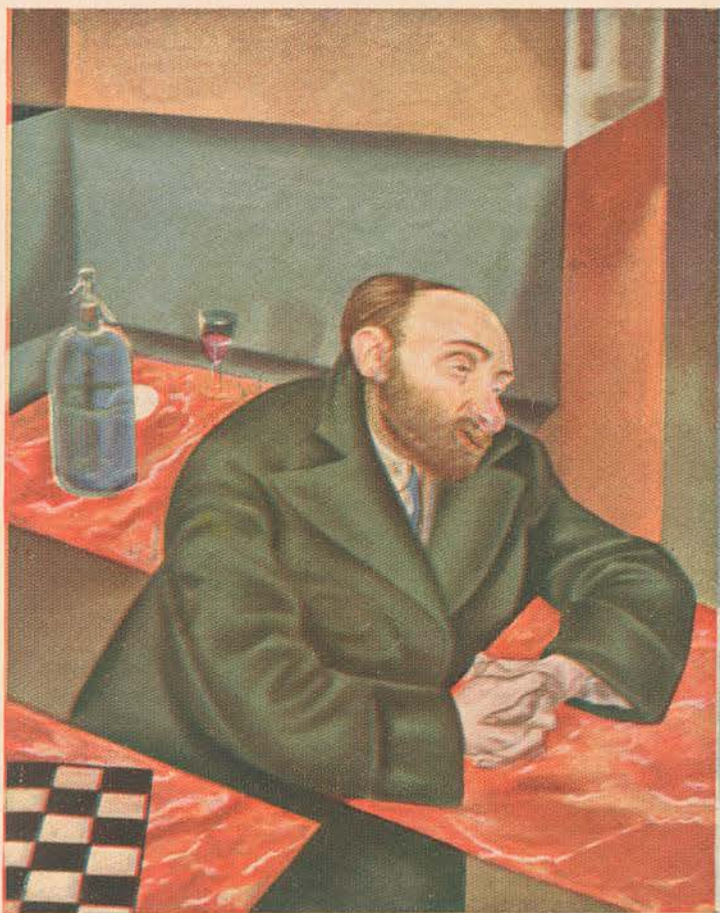
A BICHA

Desenho de Stuart Carvalhaes



RAPHAEL
KIRCHNER

*Um desenho do pintor inglês Raphael Kirchner, adquirido numa exposição póstuma e inédito ainda
(Pertencente ao Sr. José Rugeroni)*



ALEXANDRE JACOWLEFF, um curioso pintor russo, é o peregrino dos cafés boêmios, onde ele gosta de cothar tipos ineditos e decadentes para estudo. Os cafés são os grandes mostruários da civilização — uma civilização doentia, em farrapos moraes, em cicatrizes, a mascarar-se de alegria... Aos cantos dos cafés escondem-se, amarfanhados perdidos, numa débacle física e mental, os nómadas, os falhados, os neurastenicós... Justamente, o socialista Résine que Jacowleff surpreendeu no café de La Rotonde, em Paris — é que lhe deu o interessante estudo que reproduzimos dos «Feuillets d'Art», — é bem um desses neurastenicós, um desses falhados, um desses nómadas—paralítico do Sonho, ruina de grandes vôos mutilados...



PASSAM varinas com a giga em arco
Sobre a airosa cabeça sobranceira;
No chão enlameado da Ribeira
A agua negra fez um grande charco.
Lembram a quilha dum barco
As tamancas das peixeiras.

De braços nus e ancas a ondular,
Faz bem olhá-las, rápidas, ligeiras...
— Olhem que linda aquela enorme saia! —
Tem a cadencia, a ondulação do mar,
Quando saudoso vai beijar a praia.

Os braços das varinas são dois remos;
E o peito que nós não vemos,
E' uma onda a marulhar
Sob o corpete justo e afogado,
Onde não entra o sol nem o luar.
Os pés são andorinhas caminheiras
Que não temem as ladeiras,
Nem o mar encapelado.

Saias rodadas são velas
Que o vento alarga e fustiga,
São azas de caravelas
Num corpo de rapariga.



FERNANDA
CATRO



As pernas delgadinhas são os mastros
Que nenhum vento quebranta...
Os olhos são negros astros,
Dois faroes em terra santa...

Saias verdes, saias finas,
Saias rubras, saias pretas...
Os cordões são as grilhetas
Dos corpos das ovarinas.

Trazem cadeias grossas ao pescoço,
Oiro ás mãos cheias pela blusa airosa,
Num tilintar de risos e metais...
O corpo das varinas é um poço
Em que se oculta a graça misteriosa
Das almas frescas, rubras e sensuais...

Num colear de gaivota,
Passa a varina num passinho esperto,
Que da distancia sabe fazer perto...
Pela canastra desmanchada e rôta,
Onde é de prata o peixe que apregôa,
O sal deita-se á tôa...

E sob a ondulação das saias brancas
Na brancura espelhenta do asfalto,
A cadencia sensual das suas ancas,
Tem a fórmula das ondas no mar alto.

Janeiro 1922.



TIPOS DE LISBOA

AS PEIXEIRAS O LEITEIRO AS "MIDINETTES"



I

AS peixeiras de Lisboa — «élite» dum mundo bulhento que fica entre a Esperança e a Ribeira Nova — trazem o mar á flôr dos olhos e a flôr do mercado sobre a cabeça airosa. Nas canastras vem o melhorsinho da Ribeira, o peixe caro que se compra á porta... Nos olhos verdes, dum verde aristocrata e mal arrumado na malícia dos olhos, veem as tintas doidas do mar, a policromia estonteante do oceano, grande tela de Deus, 1.ª medalha do «salon» da Vida... Os olhos das peixeiras são as paletas do mar e quando se enchem de lagrimas devem lembrar as proprias ondas a correr sobre a areia, a areia da côr da pele. Com as mãos arrecadadas nas pregas do avental e o rosto ao sol e á chuva, com o peito esterlicadinho no corpete e as saias numa roda enorme, numa enorme roda viva, as peixeiras são um paradoxo ambulante que passa a correr, atirando carapaus aos gatos e negando a orgia dum prato de peixe, em dia de anos, ás familias modestas... Estilizadas a lapis e a tinta, em verso e em prosa, as peixeiras tornaram-se ultimamente um motivo de arte, tão forte que talvez venha a fazer escola e já hoje nos faz scismar... que seria dos modernistas, se não fosse a graça das peixeiras...?



II

MARGARIDA vai á fonte e vae encher a cantarilha de azas quebradas e ouvir intrigas ás visinhas e namorar um marujo... E tudo se passa ao pé da fonte que, por sinal, é um chafariz. E' sempre por ciumes dumha Margarida — flôr dos pateos e das vilas frias — que os D. Juans do bairro vão parar ao Limoeiro e, quando Deus quer, á chamada «costa de Africa» que ás vezes fica no interior, no interior vermelho dessa Africa que tem, como se vê, as costas largas... Fartinha de aturar o vinho mau do seu homem, a Margarida vem a morrer no hospital, com os braços abertos a chamar saudades, no gesto antigo de segurar a bilha, o pretexto para ir namorar á fonte, a bilha que foi a sua unica boneca e que, como todas as bonecas de louça, um belo dia quebrou-se.

III

O leiteiro da minha rua, e de todas as ruas, usa um carapuço saloio nos dias de semana e um chapéu mole ao domingo que, segundo parece, não é dia da semana... ou, pelo menos, é um dia, que não está de semana. O leiteiro anda mascarado ao domingo, sempre domingo gordo para ele. Usa desdem nos hombros derreados pela carga das bilhas e no cigarrinho que

se segura por si, apertado nos lábios... O desdem do leiteiro vai para as criadas lisboetas: a saudade vai para uma prima que ficou na terra e vale mais do que vinte «sopeirinhas» serigaitas e talvez ainda o ajude a dar conta das couves da sua terra, do leite das suas vacas.

IV

LISBOA não tem «midinettes», as mulheres — diminutivo. Lisboa nem mesmo tem «midi», a hora — reboliço, a hora encontrão que só bate nas cidades maximas e dura apenas uma hora. Lisboa tem apenas «as doze horas» que levam a bater quasi toda a hora, um tempo que não chega para coisa alguma. O nosso «midi», a nossa hora — almoço, leva-o a gente consigo, transformado em «sandwichs», envolvido em papel de embrulho. As costureiras e as aprendizas — as «midinettes» traduzidas em português — levam o «midi» num cestinho de mão e, ao contrario das meninas de Paris a quem abrem a gaiola á hora do almoço — elas apenas

conhecem de visita o sol... Vivem e morrem na prisão do «atelier» onde ha barulho de ferros: o ruído das tesouras a cortar sempre, durante to-

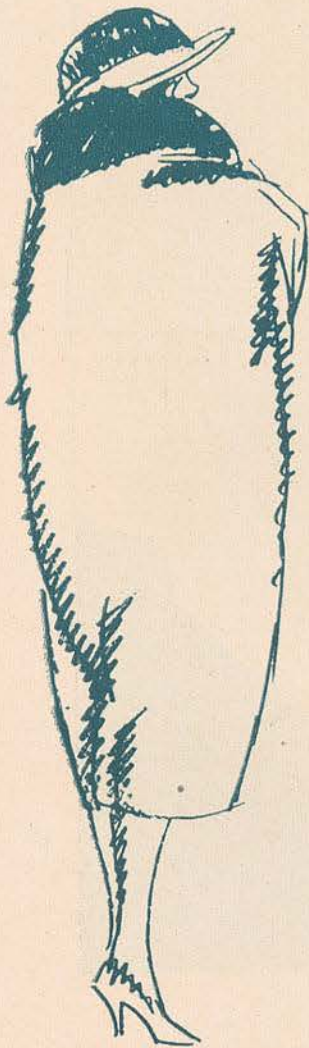
das as horas, a cortar esperanças rasteiras, os sorrisos amarelos das suas horas serias...

V

PELES baratas... casaco «manteau»... grande ar

de princesa incognita atravessando o Chiado, nas tardes de quinta feira, dia de retalhos nos grandes armazens da Baixa... Burguezinha que — cheia dum orgulho falso, cheia do medo que te metem as gracinhas faceis dos homens — passas á tarde pela Havaneza, á hora em que fingem descançar os «dandies», os que descançam a toda a hora... Burguezinha do casaco «manteau» — «manteau» da tua saia coçadinha e da tua blusa «démodé» — como tu és igual a mim e a todos nós, igual no orgulho de saber aproveitar as *pechinchas*, igual no pudor da tua

indumentaria errada que não aparece á vista... Tu elevas-te acima de muitas gerações de mulheres que viveram sem cuidados, sem esperar pelo dia dos retalhos... Podes passar com orgulho verdadeiro diante dos jovens da Havaneza, porque tu não desces, quando desces á Baixa...



T. DE B.



As mulheres — belos troféus da vida moderna — têm, em António Soares, o seu melhor pintor em Portugal. Ninguém como António Soares, que agora expõe no salão da «Ilustração Portuguesa» com um sucesso marcante — lhes sabe dar a sua elegância serpentina e estilizada, a sua fragilidade perversa e subtil, a sua delicada e complicada beleza. Este desenho de António Soares, na sua sobriedade, no seu apuro máximo de recortes, é um poema de frescura esbelta. Os olhos, as bocas, os perfis das mulheres, na Arte deste pintor — ganham o mais perigoso sortilégio, o mais perigoso, o mais difícil e o mais perturbante: o sortilégio da linha, da sedução e da mocidade eterna...



Antonio Carneiro
1911

ANTONIO CARNEIRO é o pintor da espiritualidade e da ternura. Lisboa ainda tem, na memória, a comovida impressão da sua galeria de quadros, expostos recentemente na Sociedade Nacional de Belas Artes. Antonio Carneiro tem uma visão luminosa dos perfis e das linhas. Pinta com a alma. Os seus retratos tem um sabôr calmo de exílio e de doçura. Antonio Carneiro não procura apenas a semelhança — procura a expressão, a psicologia, o símbolo. E assim, quando êle desenha uma figura, essa figura não tem apenas a convencional verdade duma parecença fotografica. Essa figura sente, essa figura pensa, essa figura cria... Mas Antonio Carneiro é tambem um pintor suave de crianças — bambinos côr de rosa, loiros, diafanos, em primavera... Essas crianças brincam, nas sanguineas de Antonio Carneiro, como se brincassem num jardim, como se brincassem ao sol ingenuo da beleza e do sônho...



A grande actriz Virginia

VIRGINIA

AS palavras que hoje se publicam no lugar da «Entrevista da Semana» são escritas por alguém que comovidamente as escutou. O sentido nobre das palavras — daquelas palavras que afloram timidamente aos lábios ou aos bicos da pena como as lágrimas nos olhos — tem um pudor recondito e íntimo que se não exteriorisa. Virginia comoveu-me. Eu, que nunca tão pouco soube entrevistar alguém, já mais pensei em ter de escrever sobre ela. E, é ainda com a vaga impressão dum sacrilegio de emoções que eu traço sobre o papel estas linhas. A tarde que passei ao seu lado na salinha da Rua Luciano Cordeiro, teve a tranquila unção de repouso e de melancolia que era para mim, até então, só possível no ritmo de certas páginas de musica, naquela catedral imensa de harmonia que nós todos temos quando cerramos os olhos.

Virginia — a reliquia romantica da ultima geração dos artistas de teatro — sentada ao pé de mim, pequenina, apagada nos seus vidrilhos negros e nas suas rendas pretas, os seus longos olhos magoados de lagrimas recentes, inclina a sua cabeça suave e branca e fica-me a olhar em silencio.

A sua voz — essa tímida voz que se erguia

musical e alada, essa voz domadora serena de palavras, que rolava no ar cristalina, aquatica, murmurou confusamente palavras de ternura.

Foi quando a luz palida da rua, brandamente deixou que se confundissem e se envolvessem mais as sombras do interior, que Virginia, mais animada, mais ela velhinha na intimidade, conversou comigo.

Falámos, de tantas coisas passadas e tristes, de tantas saudades mortas e sepultadas, que eu não tenho o direito, quer-me parecer, de exumal-as aqui.

Houve no entanto em toda a sua conversa uma linha de tão natural e encantadora modestia que, se eu, novo e homem, nada tivesse ainda a aprender com Virginia, artista, mulher e tão velhinha, bastar-me-hia esse traço inconfundível do seu caracter para me obrigar a estudal-a e a admiral-a com respeito.

Juntando-se, aninhando-se familiarmente no sofasinho de veludo, com a mão tremula numa chicara dourada, quasi murmura:

«Meu amigo... A minha vida... a Arte... calhou ser assim. Foi uma questão de sorte... Como fui para o teatro? Ora... como podia ter ido para qualquer outro sitio. Era necessario ganhar alguma coisa... Os triunfos? Ora... ingenuas dramaticas, não havia ou-

tras... bem vê... Ensaíaram-me, e eu lá ia fazendo o que podia. Nada mais... Não havia mais nenhuma... e eu lá ia. Tantas atrizes de valor; olhe, a Ana Pereira, a Lucinda do Carmo, e outras, e outras... Só a mim, estas coisas... é porque são meus amigos. O meu talento... isso é ideia deles... Ouve algumas coisas, sim, que estavam acertadas... Belo conjunto, imagine: os Rosas, o Brazão, a Falco, a Emilia das Neves, a Rosa Damasceno, o Santos Pae, o...

Viu o João Rosa? o Augusto, grande artista, mas o João... Olhe, a «Dionisia», do Dumas, ouviu falar? Foi a peça que eu gostei mais, estava tanto no meu temperamento... Havia um momento em que acabavamos os dois a chorar, eu e o Rosa... Era tão lindo... Vê esse retrato, foi nesse tempo... não estava

mal aí pois não? Também o retrato está muito favorecido... que eu nunca fui bonita.. Gosta? Este não lho dou... Tem uma dedicatória... Depois, mandar-lhe-hei um — quero que fique com uma recordação minha. Eu agora fujo dos retratos... Estou tão velha, tão velha»...

Uma grande pausa de cansasso, uma lágrima, quasi um soluço se ouviu na pequena sala da Rua Luciano Cordeiro. A luz palida, mortiça, da janela dera a todo o interior uma penumbra macia.

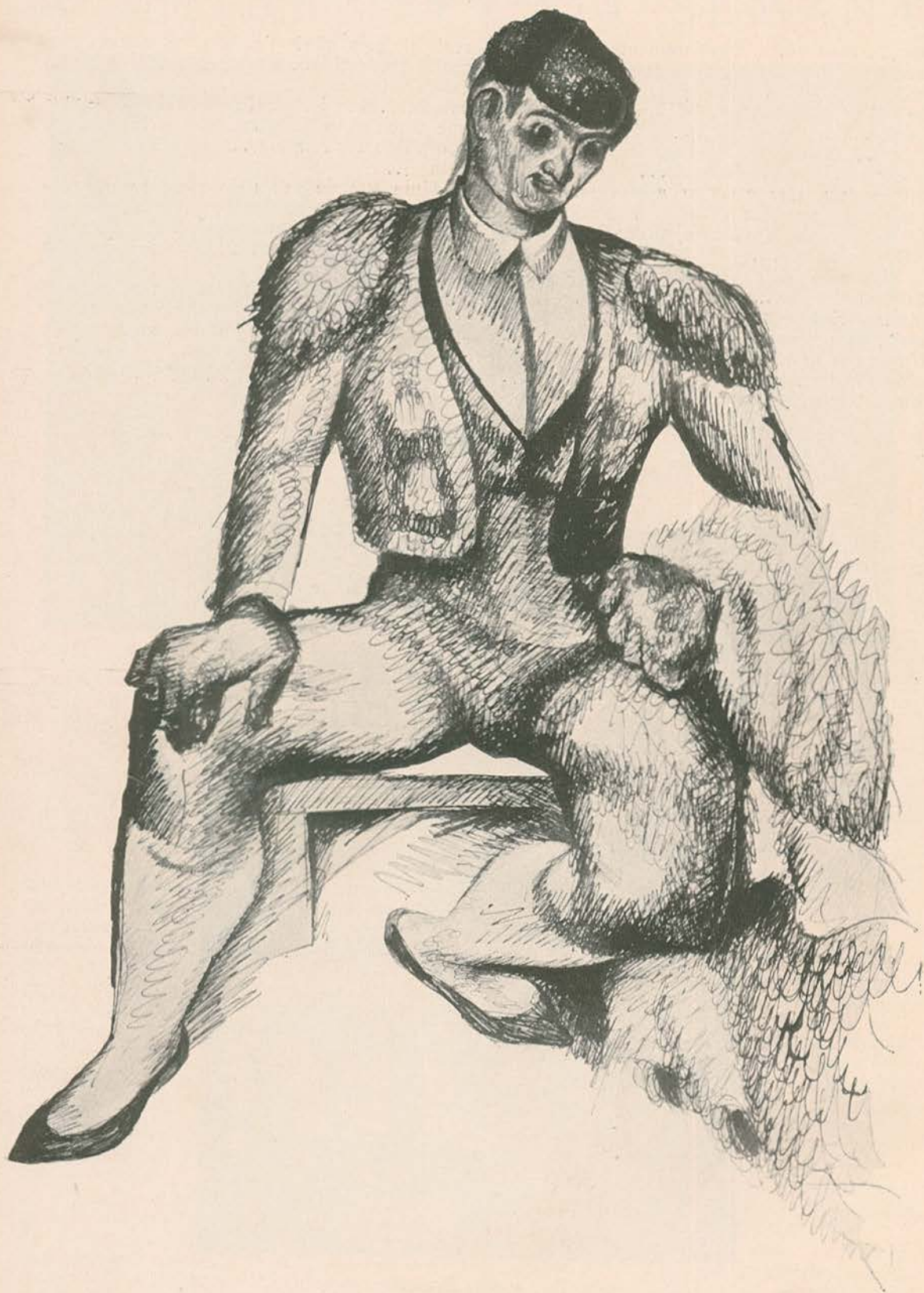
Sai sem ruido. No corredor, a afilhada de Virginia, uma linda e fresca cabeça de mulher, acompanhou-me á porta com um sorriso.

O HOMEM QUE PASSA.

(Clichés Salgado)



A' hora do chá



UM TOUREIRO DESENHADO POR ALMADA NEGREIROS.
E' UMA FIGURA CURIOSA, DUM RECORTE ENERGIICO,
ADMIRAVELMENTE SURPREENDIDA PELA INTELIGENCIA ORI-
GINAL DO ARTISTA.

(Pertencente ao distinto actor Erico Braga)

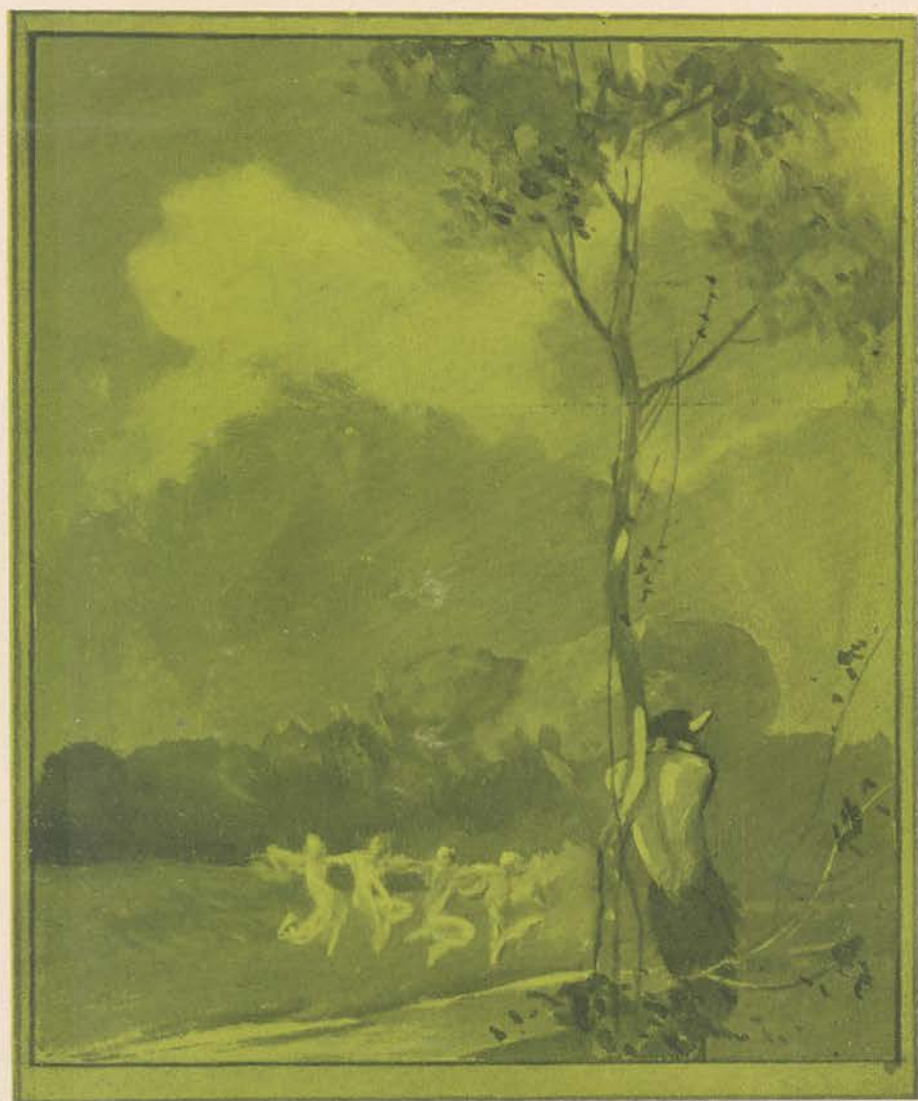


Jos. Malhóu
Figuini
1907

CABEÇA DE RAPARIGA

(Pertencente ao Dr. Antonio de Menezes)

Desenho do grande pintor José Malhóu



POR ESSE CREPUSCULO A MORTE DE UM FAUNO

PEDAÇO DE UM FRISO DE MALACHITE E OIRO, ENCONTRADO
NAS RUINAS DA CASA DE CAIUS SIRUS, EM POMPEIA

PELOS ceus de turqueza, havia muito que a facha magenta do sol se levantara, quando, da orla de um bosque de loureiros que ao longe se espreguiçava, um grito partiu, cortando o ar fresco daquela tarde lilaz...

Lá ao fundo, para traz dos novelos escuros dos serros, uma chuva de opalas e lincúrios jorrava centelhas em gritos de rubro e esplendor... Era um mar ardendo, numa ruiua apoteose de forja—como se ondas fossem desse mar em brasa—qual um gigante que lançasse ás mãos cheias, oiro e fogo sobre a terra, tudo iluminando com a magia do seu brilho...

Rezavam numa prece de sonho, nuvens de alabastro, e lentas, passavam guiadas cegamente pelo vento, que vez em vez, num estremecimento de vertigem, erguia da planície, nuvens de oiro acendrado.

Debil, como o gemido de palida enferma tocada pelo outomno, sentia-se agora, longinqua e melodiosa uma flauta, e tambem, pelo céu, num arranco—a cavalgada de oiro:—galopou errante...

Gemia pelo abraço do vento agora mais forte, o bosque imponente como um ciclope adormecido... Novamente, agora mais perto—silvuo estridente—um grito da flauta, como num apelo...

Rumorosamente—primeiro na distancia, depois mais perto—umas gargalhadas febris (tilintar vago de agua e de cristal) arrepiaram aquele logar ermo... E medrosas, ninfas com olhos de onyx e corpos flexiveis como giestas, surgiram dos loureiros...

Embalsamava o ar um perfume morno de ambar e baunilha, e as ninfas das mãos brancas e corpos frageis cor de nardo, pararam, com o espanto a velar-lhes o olhar, escutando silenciosas a flauta flebil—agora moribunda...

E enquanto os seus olhos iam luzindo espanto, na planície, as romanzeiras abriam os fructos; e desses pômicos de oiro velho caía uma chuva de rubis...

Então, as ninfas, sofregas, sequiosas, correram para as romanzeiras, e abrindo os rubros labios deixaram que os bagos neles entrassem—como gotas de sangue... Alguns bagos, caíndo nos seus peitos, confundiam-se com os rigidos bicos desses seios, perfeitos quaes limões do Libano...

A tarde ia entoando o ultimo canticco da Luz...

Eis que, outra vez, silvou febril a flauta na floresta, e então, erguendo os corpos doidos por entre as vinhas mortas, as ninfas — bando de cotovias alvas — correram para os loureiros...

Gemia agora, a flauta, a magoa crescente de uma canção de tédio, riscada de Tragedia e onde a Saudade punha relevos gastos de tristeza...

E á uma, lubricas, as ninfas, preguntavam: — Será belo?...

E com os corpos emmaranhados na corrida, lá se-guem, de seios oscilantes e olhos de safira lapidada...

— Olhae... E' o velho fauno — disse a mais linda e a que á frente ia — Como a Demencia, tão triste assim o fez...

O fauno olhou a ninfa, e nos seus olhos de topazio, num fugidio relampago, passou-lhe toda a tragedia daquela alma apunhalada, Recordou-se das tardes de oiro, quando as perseguia, na aleluia das vinhas, co-rodado de pampanos; lembrou-se dos leitos voluptuosos de feno e papoilas quentes; rememorou, saudosa-mente, o halito daquelas que possuira... um halito morno... halito de quem morde violetas...

A noite ia a entornar-se pelas montanhas e aves nocturnas riscavam os ceus num deliquio de azas moles...

Uma lagrima espreitou nos olhos de topazio do velho fauno triste... Depois, sereno, continuou to-cando na flauta debil, uma canção de sombra...

E as ninfas, de mãos dadas em cadeias de jaspe, balançaram os seus corpos no compasso vago, mor-bido, desse baile de morte...

Em ritmos quentes — corpos fulvos e bocas em brasa — as ninfas, iam bailando. Era um sobrepôr

continuo de curvas e de seios, nos quaes, o crepus-culo, punha legendas poluidas de violeta e purpura...

A tarde magoada pelo vento ia seguir para longe, e, as ninfas, bailando, davam impressão de estatuas saíndo dos maçissos, numa alegoria melancolica ao tombar da noite...

E sempre, sempre — iam bailando...

Lá muito ao longe, para traz do bosque de lourei-ros, um combate de gladios de oiro surgiu, e, alfim, o sol vencido tombou exangue num leito de antra-cites e rubis... Magestosa, a treva vencedora espal-hava já pela terra as suas hostes de Misterio e Sombra...

E as ninfas ainda bailavam...

Um corvo fatidico, negro como a noite, saudou-o do alto de um cipreste...

As ninfas ainda bailavam... Bandos de insectos luminosos veem coroar-lhe os cabelos soltos, numa aura latejante de febre e de delirios...

O fauno pendera a velha fronte. Fugira com o sol a sua alma de Tragedia...

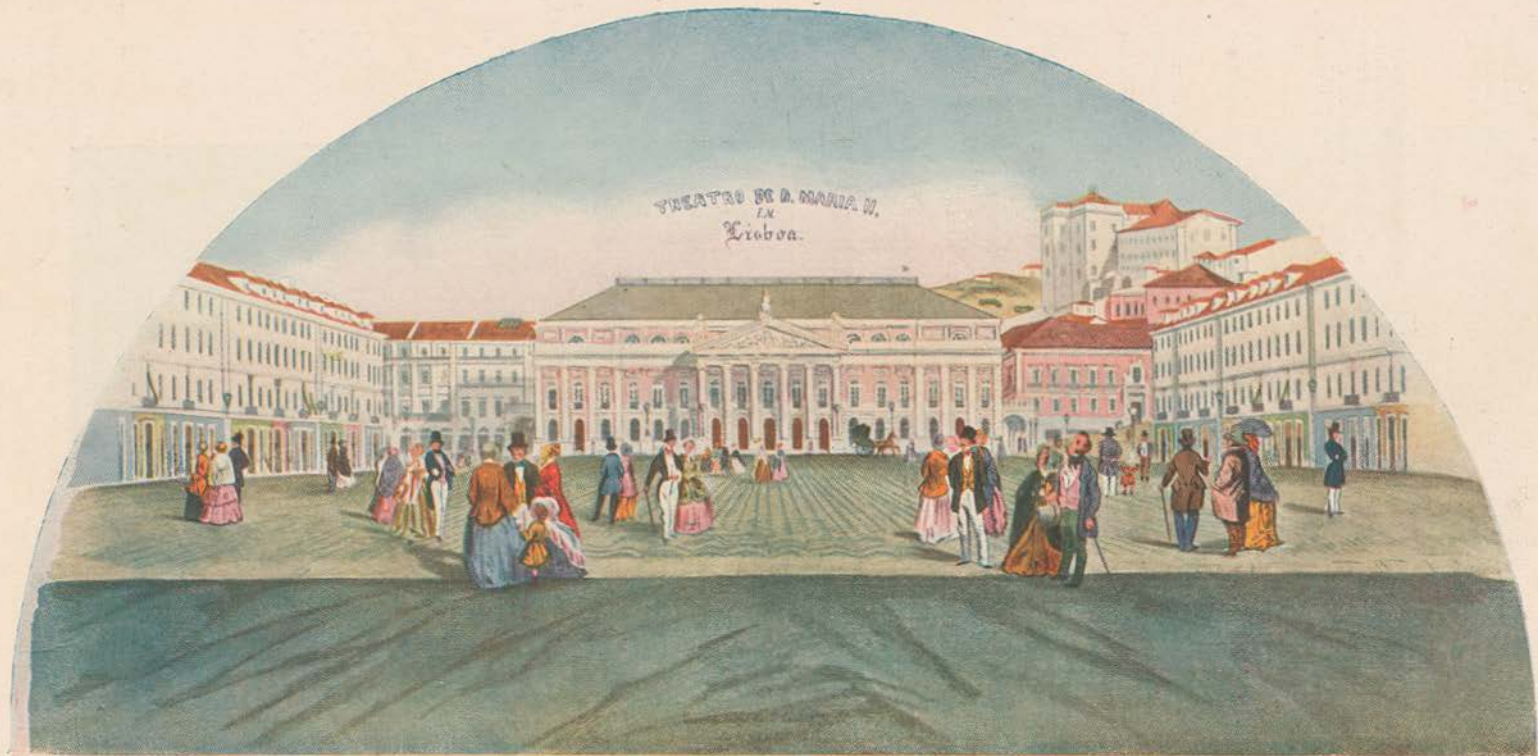
As ninfas, agora, bailavam em vertigem, numa spasmodica loucura, espalhando bagos de romã sobre o corpo inerte do velho fauno morto...

A lua errava doida pelo parque da Noite...

AUGUSTO FERREIRA GOMES

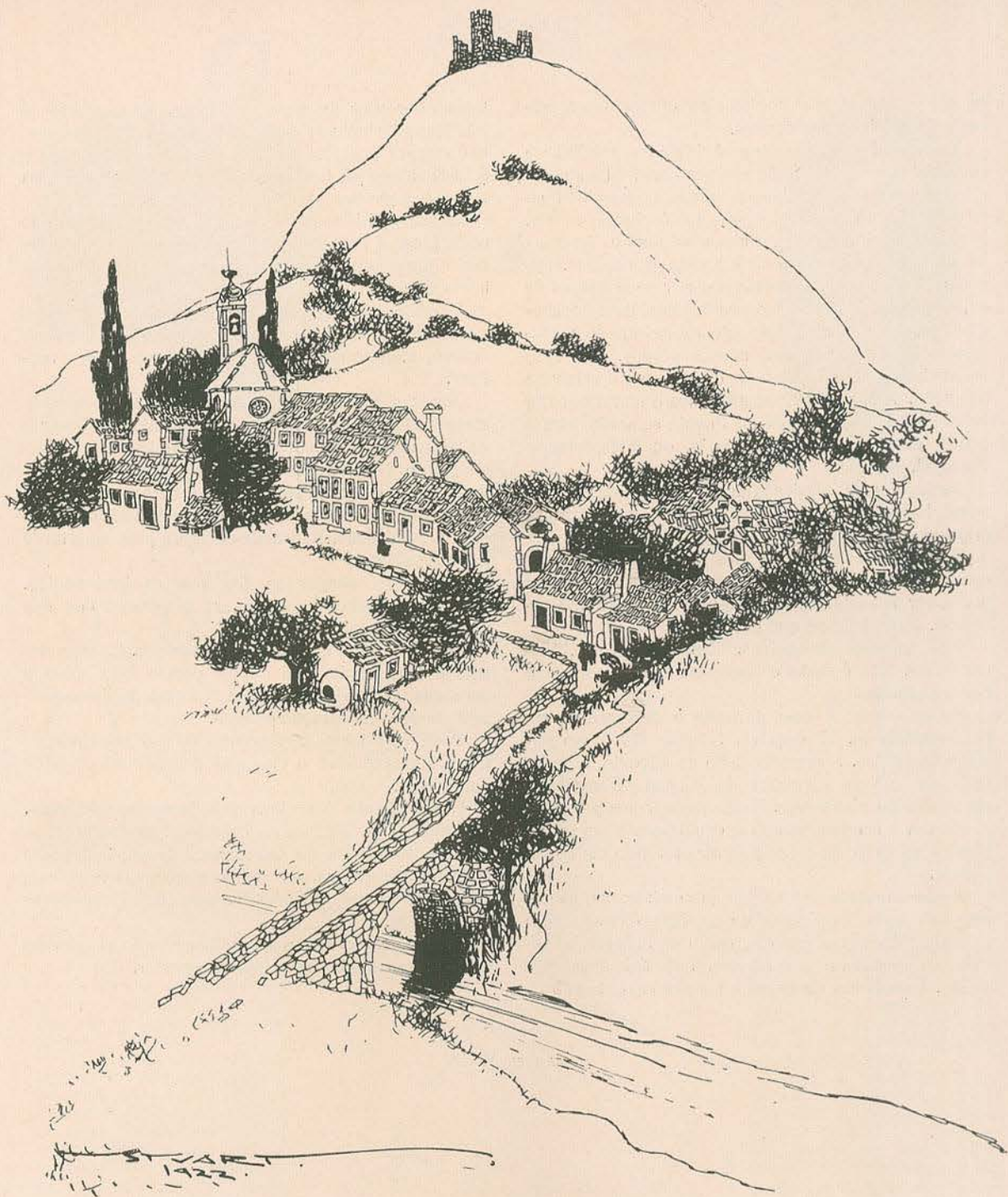
(Do livro de frisos pagãos *A Flauta de Dioniso*, a publicar breve.





RECONSTITUIÇÃO DO ROCIO ANTIGO, SEGUNDO UMA GRAVURA DA EPOCA

O Rocio, que é hoje, uma vertigem, um borborinho de ruidos e de vultos, uma orquestra desarmonica de todos os gritos, todos os vicios e todos os appetites da Cidade — era então uma praça calma, serena, pacifica, onde os elegantes deambulavam, com as suas familias, numa sinfonia ingenua de *toilettes* claras. A idade dos madrigaes — succedeu a idade dos *camions*...



O V E L O D E O I R O

OS antigos lusos ocupados na faina heroica de mostrar ao mundo continentes novos esqueceram-se de descobrir Portugal. Deles até nós se veiu transmitindo o descuido. E continuamos ignorando a nossa terra. Habitados a admirar apenas o que de longe vem, não estimamos o que temos proximo, nem o lugar, nem o que nele se cria. Serras e cam-

pos de Portugal, casas e caminhos, as lendas, as cantigas, os dizeres, as paixões, o maravilhoso e o vulgar, quanto poderia servir para extremar um caracter se desperdiça como as extensões maninhas.

O que brota espontaneo debaixo deste ceu luminoso vegeta sem cultura. A inteligencia não aproveita, nem desenvolve as qualidades diferenciais que poderiamos levar á formação da variedade distinta,

na côr e fôrma, no espirito e no sangue que representasse a feição portuguesa.

Tudo aceitamos de fóra. A ideia e o sentimento que traduzimos, em nada nos pertence. Olhos e ouvidos parecem de fabricação alheia, construídos para outra luz e outros sons, porque só vêem e ouvem. O nosso saber reproduz, a nossa arte imita. As telas de pintores desfiguram o ar e a alma das coisas. Páginas de escritores refletem o sentir de criaturas de outra raça, alheias aos nossos hábitos, gente desconhecida, falando uma linguagem e revelando pensamentos que destoam dos nossos nervos. Nos seus originais rasca, ao virar de cada linha, o sabor de tradução. A falsidade perturba-lhes o instinto, estabelece a confusão, pondo em duvida se serão estrangeiros escrevendo em português, ou interpretando Portugal.

Assim a arte se desnatura e vive expatriada. A nossa literatura, a política, a sciencia, a arquitetura criaram existencia de judeu errante.

Se a olhassemos com atenção porque é bela e consoladora havíamos de amá-la. E depois de ligados por amor saberíamos apreciá-la e descobrir-lhe encantos. Mais bela do que outras?

Não sejamos excessivos. Tanto como elas. Isso nos baste. Mas é nossa e diferente. Não se confunde com as alheias.

Ha que tratá-la com devoção e demoradamente para entende-la. E' esquiya. Não se revela ao primeiro encontro. E recortada. Só no silencio, no perfeito em que as vibrações de luz são perceptíveis, ela se decida a conviver. Ha-de possuir-nos primeiro. Muda-nos o sangue em seiva, equala-nos a um fio de herva e só então se deixa possuir entrando em confidencia.

Nesse momento nos ensina que os homens, as casas, as roupas, os dizeres, as cantigas, os anceios, a maldade são feitos por ela, como as arvores, os bichos, os penedos e as vertentes. Tudo saíu de mesmo molde. Uma folha de trevo e um pensamento são ri-

timos diferentes da mesma sinfonia. Mas variando a medida, alterando-se o motivo, a essencia permanece, e é sempre possível distinguir o relevo do terreno e a intensidade da luz no ambraz das ancas moças, ou na modulação das gargantas em alegria.

Nesse primitivo agreste se abrirá o caminho que pode levar o luso de agora a descobrir Portugal. De tanto que o antigo realizou alguma coisa de nobre nos havia de deixar para acometer.

Tambem se lhe pode chamar uma missão. Vamos que é gloriosa. Descobrir Portugal e apresental-o ao mundo, merece um grande respeito por quem o realizar.

Ainda o regionalismo chamará em factos o gosto afrancezado que rança na boca nacional? Um instante de reflexão para compreender que pouco ha feito por enquanto. O que apareceu não é o termo final. Estamos num começo de série, rudo e barbaro. Colhe-se o espontaneo, inculto. Depois da forma nativa se chegará á estilisação. Reproduz-se agora para mais tarde se interpretar.

Impossivel chegar ao fim sem os intermedios. Eguamente valioso se aceitará o esforço dos que abrem e fecham o trabalho.

Antes de tudo aprendamos a admirar. Contemplemos e a adoração virá depois com a força mística para descobrir o maravilhoso. A forma pura e espiritual chegará na estação propria.

Pode este jornal representar do sino reunindo os fieis, indicando-lhe o caminho dos santuarios onde pode resar.

Pondo diante dos olhos pela imagem, relatando, minuciando os lugares, os costumes, os cantares, as expressões quanto de desconhecido se perde como sugestão de beleza por vales e serras, nas aldeias distantes, conseguirá prender atenções afogando-as de surpresa.

Fica a lembrança para melhor estudo ulterior se tanto merecer o interesse que despertar.

SAMUEL MAIA

Desenho de Stuart Carvalhais



“O DIREITO DO AVESSEO”

OS quintanistas de Direito fizeram, na passada segunda-feira, dia 3, a sua festa de despedida. Homens que deixaram a vida de rapaz; rapazes que iniciaram a sua vida de homens.

Representaram, nesse vasto Teatro de São Carlos, uma revista em dois actos e varios quadros que tanto se podia chamar «O Direito do Avesse», como «O Avesse do Direito», ou ainda: «Os Misterios do Campo de Sant'Ana». Tito Arantes foi quem a escreveu e foi um dos seus impagaveis *compères*. Vimo-lo, em scena, tal e qual estamos habituados a vê-lo cá fóra, pelo que nos deu a impressão que o sr. dr. Tito Arantes faz da vida uma grande revista, revista do avesso, de que ele é o *compère*.

Se querem saber o entredo da peça que vimos em S. Carlos, eu posso conta-lo; se não o quiserem saber, não me leiam que eu conta-lo-hei, na mesma.

Ha um rapaz da provincia, muito *fino*, até mesmo no proprio nome, que decide vir para a *Capital*, não para escrever crónicas á maneira do sr. Oliveira Guimarães, que tambem é quintanista, mas sim para se matricular na Faculdade de Direito. O rapaz vem, na verdade, e deixa as cachópas da sua terra, que, não desfazendo, eram feias como tudo, num constante vale de lagrimas, talvez devido á scena ser passada num vale da Beira. Choram todos lagrimas de riso, afirmando que ele, em Lisboa, não será nunca o mesmo *peessoa*, visto o sr. Fino ter mudado agóra o seu nome para Sebastião Pessôa. Quando chega ao seu destino glorioso, o rapaz — ou melhor o novel caloiro que tem cara de quem em pequeno sofreu de itericia e teve lombrigas — inicia-se na arte da *cabulice*, que é como quem diz: vae para a Facul-

dade, pelo braço amavel de um quintanista que nem sequer toureia os novátos e que, afinal, não é nem mais nem menos do que o sr. Tito Arantes disfarçado em homem de espirito. Vê tudo o que tem para ver, ouve tudo o que tem para ouvir e, no fim, o pano desceu com chamadas ao autor, ensaiador, maestro, etc. chamadas estas que, ao contrario das telefonicas, são atendidas, no meio do maior entusiasmo.

Agora, vamos por partes e, como é de toda a justiça, a elogiar cada um de por si, deixando os *compères* socegados.

O côro de abertura das «Flores» começou logo por dispor otimamente a assistencia pois que, em vez de côro das flores, parecia antes uma flor dum côro.

As bailarinas agradaram-nos superiormente pois que, alem de terem servido habilmente para animar o

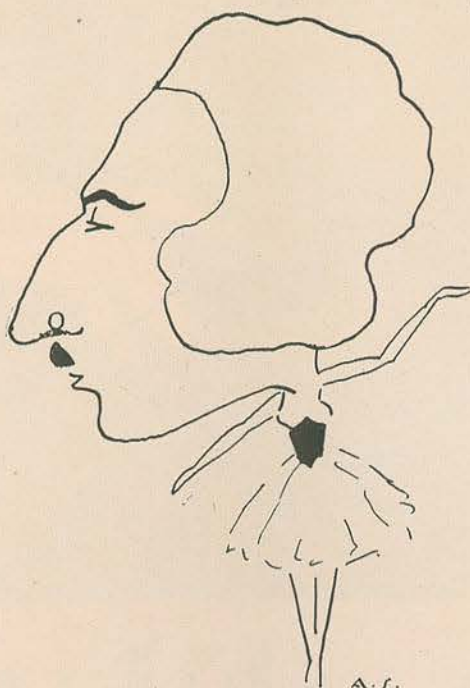
«Direito do Avesse», serviram tambem para nos dar uma pouca de agua a ferver, para o chá, quando chegamos a casa, altas horas.

O sr. dr. Boto de Carvalho evidenciou hélas qualidades de agilidade e de Arte ritmica, dando-nos a impressão que tinha conseguido descobrir, finalmente, o já tão celebre e complicado problema de nadar... em sêco.

Diziam os rapazes que ele tinha *botado* figura por ser Bôto. Não sabemos se foi por isso ou não mas o caso é que teve de bisar os seus bailados.

Antonio Lopes estava, no palco, como se estivesse em sua casa e fez rir, a bom rir, os espectadores que, ao principio, ao verem a sua figura um tanto *débil*, receram que o tablado fosse a baixo, o que era desagradavel. Dava um belo modelo para que se fizesse uma estatua denominada «A abastança» ou a «Arte de ser feliz».

Lapa, outra bailarina eximia, tantas voltas deu que o



monoculo distinto já nem sabia se era do olho direito ou do esquerdo.

Carrusca, que se os fados o tivessem feito nascer do sexo feminino jurava por tudo que não havia quem olhasse para ele, teve uma multidão calorosa de admiradores, com o seu rosto seráfico, os seus olhos conselheirais, a sua cabeleira loira dum loiro bregeiro...

Baltazar, com a sua diminuta altura mais que de uma bailarina, deu-nos a impressão de um prédio que só tivesse caves. Porém, sem essa figura amiga e simpática, a *Dança da Anita* perdia muito da sua graça.

Soeiro tinha todo o aspecto de uma múmia egípcia que, só para ser agradável ao autor, tivesse vindo dançar sobre o tablado, por esse motivo historico, do teatro de S. Carlos.

Barreiros e, finalmente, todas as demais bailarinas fizeram uma figura brilhantíssima.

A revista teve numeros de successo de que muitos *professionais* invejariam a autoria. F.º o *Afonso XII Taboas, As Feiras, As Meninas de Direito, Os Sete Pecados Mortais, etc.*, foram outras tantas *charges* que agradaram imenso.

Entre os varios pecados mortais appareceu uma menina muito alta e interessante, chamada Colette e mascarada de sr. Jaime Azancot, que nos queria fazer acreditar que era a *gula*, só pelo facto de entrar para a Garrett onde estava um porteiro delicado e cumprimentador — segunda edição do sr. Bernardino Machado — e que não recebeu gorgeta alguma durante todo o quadro.

O quadro de comedia, passado na Agencia de Informações Pae Paulino, Tem Olho & Companhia, era felicissimo tambem e o sr. Tem Olho, vulgo João de Deus Ramos, além de *ter olho* tinha, tambem, pilhas de graça. Fernando Silva foi um Pae Paulino de um comico irresistivel.

No segundo acto, a imitação-charge do grande poeta Eugenio de Castro foi inexcidivel de correccão, tendo sido o sr. Vieira Monteiro que fez de feliz autor da não menos feliz *Epifania dos Unicornios*...

Para tudo ser interessante, até «Landru», o simpatico caloiro — terror de certas meninas da Rua de Serpa Pinto — e que, durante os ensaios, queria fazer da varanda do salão nobre do teatro de S. Carlos uma «vila de Gambais» appareceu, feito à força, servo de um Apolo disfarçado de sr. Antonio Pedroso que nos dava a impressão de um Jupiter novo-rico presidindo a um concilio de amigos.

Emfim, todos os interpretes, sem excepção alguma, concorreram para o bom exito desta festa de rapazes que, ao contrario de quasi todas as outras, foi esplendida e decorreu num ambiente de elegancia e de enthusiasmo. Se não nos referimos a todos individual e detalhadamente, é porque, para isso, seria preciso um numero inteiro da nossa illustração.

Apenas, e para acabar, quero dar-vos a Balada de Despedida dos Quintanistas de 1922, letra do poeta Mario Pereira e musica do sr. Fernando Silva, que deliciou todos os que foram até essa recita da noite de 3 de Março,

Almas, vinde ajoelhar
Junto de nós e que seja
A nossa alma como o altar
Todo branco duma egreja

Rezemos olhando os ceus
Tal como quando em meninos
Nós pediamos a Deus
Que afastasse os maus Destinos.

Venha a saudade rezar
Em nossa alma e seja um berço
Cada capa a embalar
No embalar de cada verso.

E nesse gesto sagrado
Venha embala-la tambem
A nossa noiva dum lado,
Doutro lado a nossa mãe.

Orações... Serão cantigas,
Quem ha que saiba... canta-las?
Oh noivas, almas amigas,
Vinde connosco, reza-las.

Os beijos, cantos de amor,
Rezados em vossos braços
Recebe-os Nosso Senhor
Com penitencias de abraços...

Oiça Deus a vossa voz
— Nuvem leve que esvoaça
E baixe por sobre nós
As benções da sua graça!

ALFREDO ARY



TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

PROVAMOS COM

ATENDIDOS MEDICOS

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afecções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfalismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afecções osseas, raquismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excellencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quinuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitarem o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5\$00. Correio, ate dois frascos, mais 50 centavos. Depósito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Loanda: Serra, Annes & Irmao



Rigidez do Pescoco

A RIGIDEZ do pescoço muitas vezes provem de uma corrente de ar, cujo resultado é muito doloroso e desagradavel.

O Linimento Sloan

é o remedio que com mais rapidez e efficacia penetra no logar dorido, sem necessidade de massagem: não mancha a pelle, nem a roupa. É o mata-dôr por excellencia; não deve faltar em logar algum.

(Vende-se em todas as Pharmacias)

Linimento de Sloan

MATA DORES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.º Trav. do Cotovelo, 37, 1.º - Lisboa. 11. R. MOUSINHO DA SILVEIRA - Porto

O ERGA

E', segundo a opinião dos Ex.ªs medicos que o tem experimentado, um tónico de efficacia certa e sem igual, sobretudo nas afecções seguintes:

Anemia, clorose, neurastenia, paludismo, doenças do peito e enfraquecimento geral. Excelente nas convalescencias.

Excita o appetite e dá força sendo muito bem tolerado pelo aparelho digestivo.

Preço 4\$00

DEPOSITO HYPODERMICA

R. DO SACRIFIC. 153 - TEL. 765 N

PARA APRENDEREM ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

devem requisitar a sua matricula no curso professado no Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia,

Largo Trindade Coelho, 7 LISBOA

E' o curso preferido por todos os que se dedicam ou pretendem dedicar-se ao commercio, pois que, em 3 a 6 meses e economicamente, aprendem a fundo e sem o menor transtorno para as suas occupações habituais

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

por partidas simples e dobradas.

O Instituto remete prospectos gratis para todos os pontos do paiz, ilhas, colonias e estrangeiro.

O passao, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e tisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passao e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quilromancias, cronologia e iztologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do império e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias utels.

em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escreve no passao e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

consultas todos os dias utels das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Climo da rua d'Alegria, prédio esquina).

vér, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SECLAR"

Preço: 20 centavos



das 11 da manhã ás 7 da tarde (em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-)

lha) - Lisboa

Sanitol



O CAMPEÃO

O Tónico de mais seguro efeito
e de maior eficácia

Preferi-lo é desejar ter saúde de ferro

A' VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS

DEPOSITARIOS:

LISBOA — Azevedo, Irmão & Veiga

RUA DO MUNDO, 24

PORTO — Lourenço, Ferreira Dias, L.^{da}

RUA DAS FLORES, 157